

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E EDUCAÇÃO**

VANESSA DOS SANTOS ABREU

**RAÇA, GÊNERO E A CANÇÃO *JOLENE*: UMA ABORDAGEM INTERSECCIONAL
NO ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL**

**São Borja
2025**

VANESSA DOS SANTOS ABREU

**RAÇA, GÊNERO E A CANÇÃO JOLENE: UMA ABORDAGEM INTERSECCIONAL
NO ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu – Especialização em Mídia e Educação da Universidade Aberta do Brasil/Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídia e Educação.

Orientador: Prof^a Dr^a Fabiane Lazzaris

**São Borja
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

A162r Abreu, Vanessa dos Santos
Raça, Gênero e a Canção "Jolene": Uma Abordagem Interseccional no Ensino De Inglês como Língua Adicional / Vanessa dos Santos Abreu.
33 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) -- Universidade Federal do Pampa, ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E EDUCAÇÃO, 2025.

"Orientação: Fabiane Lazzaris".

1. Interseccionalidade. 2. Feminismo Negro. 3. Ensino de Língua Inglesa. 4. Canção. 5. Interdisciplinaridade. I. Título.


VANESSA DOS SANTOS ABREU

**RAÇA, GÊNERO E A CANÇÃO *JOLENE*: UMA ABORDAGEM INTERSECCIONAL
NO ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu – Especialização em Mídia e Educação da Universidade Aberta do Brasil/Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídia e Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 17 de novembro de 2025.


Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **FABIANE LAZZARIS**
Data: 09/12/2025 17:28:50-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr^a. Fabiane Lazzaris
Orientadora
Unipampa UAB

Documento assinado digitalmente
 **ANDERSON MARTINS PEREIRA**
Data: 11/12/2025 13:00:32-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Anderson Martins Pereira
IF-Farroupilha

Documento assinado digitalmente
 **ARIANE AVILA NETO DE FARIAS**
Data: 10/12/2025 18:53:40-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr^a Ariane Avila Neto de Farias
IF-Farroupilha

RAÇA, GÊNERO E A CANÇÃO JOLENE: UMA ABORDAGEM INTERSECCIONAL NO ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL

Resumo

O presente artigo busca apresentar uma sugestão de sequência didática trabalhando a canção popular *Jolene* em suas duas versões: a versão original de Dolly Parton de 1973 e nova versão lançada por Beyoncé em 2024. Foi então realizado um estudo sobre os conceitos de interseccionalidade e feminismo negro apresentando algumas de suas principais teóricas. Esta sequência didática trabalha competências sugeridas pela BNCC e também a abordagem comunicativa na aula de língua inglesa. Esta discussão é extremamente pertinente tendo em vista o racismo e machismo estrutural presente na sociedade brasileira conforme podemos perceber nas diversas mídias que acessamos diariamente. Por isso, sua importância para que formemos cidadãos críticos e que juntos possamos mudar este cenário.

Palavras-chave: Interseccionalidade, Feminismo Negro, Interdisciplinaridade, Ensino de Língua Inglesa, Canção.

Abstract

This article aims to present a suggestion of a didactic sequence that works with the popular song “Jolene” in its two versions: the 1973 original version by Dolly Parton and the 2024 version released by Beyoncé. So, it was made a study about the concepts of intersectionality and black feminism presenting some of its main theorists. This didactic sequence presents competencies suggested by BNCC (Brazilian National Common Core Curriculum) and is also based on the communicative approach in the English language classroom. This is a very relevant discussion considering that racism and sexism are structural problems in Brazilian society, as it can be perceived on many different media, which are daily accessed. Therefore, this theme is important to develop critical citizens, and together we can change this scenario.

Keywords: Intersectionality, Black Feminism, Interdisciplinarity, English Language Teaching, Song

1 INTRODUÇÃO

Por muitas vezes, durante os anos em que lecionei, entendi que ensinar somente a língua inglesa e não tratar dos assuntos pertinentes à formação dos alunos como gênero, raça, classe e sociedade não era o correto a se fazer. Ensinar a língua inglesa como se eu estivesse em uma bolha, onde não há problemas não me parecia ser o caminho.

A utilização do gênero canção nas aulas de língua estrangeira como língua adicional¹ é uma realidade para vários professores: é um tipo de material de fácil aceitação por parte dos alunos, é acessível e provém práticas orais e escritas da língua. “Ao fazer a escolha por esse recurso, o professor tem em suas mãos uma vasta ferramenta, haja vista que além de fazer parte do cotidiano dos alunos, o que permite que se apropriem mais do gênero, a música pode ajudá-los a engajar-se no aprendizado da língua.” (ISMERIM; SILVA, 2024). Além disso, para um desenvolvimento integral do cidadão, como pontuado na BNCC (Brasil, 2018), o professor deve possibilitar ao estudante “agir e posicionar-se criticamente na sociedade, em âmbito local e global”.

Além disso, o próprio gênero canção é uma mídia de fácil acesso por parte dos alunos: sua presença em suas vidas é bastante expressiva seja através de aplicativos de música ou mesmo através dos vídeos curtos presentes nas redes sociais. Muitas canções acabam “voltando” a fazer sucesso em virtude de terem sido utilizadas em vídeos que viralizaram nas redes sociais.

Por esta razão a inclusão de uma temática interseccional que trabalhe gênero, raça e classe social por meio de canções em língua inglesa ajuda a desenvolver a criticidade por parte dos alunos para que haja “o aprimoramento do educando como

¹ Língua adicional é o termo mais utilizado atualmente para referir-se à uma outra língua aprendida pelo sujeito. Este termo implica uma outra língua aprendida por um sujeito em adição àquela que ele já aprendeu desde a sua infância. “(...) a língua que ele vai estudar na escola pode não ser uma segunda língua ou uma língua estrangeira, mas será, mais adequadamente, uma língua que podemos chamar de “adicional”. O uso do termo “adicional” traz vantagens porque não há necessidade de se discriminar o contexto geográfico (língua do país vizinho, língua franca ou internacional) ou mesmo as características individuais do aluno (segunda ou terceira língua). Nem mesmo os objetivos para os quais o aluno estuda a língua precisam ser considerados nessa instância, se deseja conhecê-la para viajar, jogar, cantar ou obter um emprego melhor, como é o caso do termo “para fins específicos”, muito comumente associado ao ensino de línguas. A proposta então é que se adote um conceito maior, mais abrangente, e possivelmente mais adequado: o de “língua adicional”.” (IRALA; LEFFA, 2014)

pessoa humana, considerando sua formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 2018)

2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

Em meu trabalho, escolhi trabalhar a utilização de canções nas aulas de Língua Inglesa como ferramenta pedagógica, já que há a melhora no trabalho por parte do professor tendo em vista que utilizar canções em sala de aula podem divertir e acalmar, além de ensinar. Além disso, segundo Gomes (2012), “as canções podem agregar os fatores culturais ao ensino de línguas, tornando estas aulas mais atraentes e produtivas para os educandos”.

Sempre tive essa opinião e sempre trabalhei com canções em sala de aula. Especialmente considerando que a BNCC do Ensino Médio menciona que os jovens devem:

Analisar criticamente a atuação de diferentes grupos e indivíduos, com base nos códigos e nas linguagens adotados, e com o suporte de mídias, tecnologias de comunicação e informação, para compreender e valorizar a diversidade de opiniões e de modos de vida.

Junto à questão do uso de canções em sala de aula, me preocupo muito com a formação dos alunos: nosso objetivo é formar um cidadão crítico e que seja capaz de tomar suas próprias decisões. Vou ao encontro de Sene (2019) ao afirmar que “a importância de um currículo escolar no qual seja planejado o processo de ensino/aprendizagem com o objetivo de atingir as/os estudantes de maneira integral, ou seja, um currículo voltado para a formação científica e humana em que as pessoas sejam construídas para o respeito às diferenças.” . Por isso, minha ideia é utilizar a música *Jolene* para abordar as questões de diferenças da visão da mulher (*versus* homem) e da mulher branca *versus* mulher negra.

A experiência da mulher negra é diferente da mulher branca, pois há também implicações de raça em relação a ela: “enquanto as mulheres brancas – participantes do universal – eram narradas como mulheres para o lar, para o cuidado materno, para a família, as mulheres negras estiveram sujeitadas à escravidão, ao silenciamento e às margens da sociedade, servindo, inclusive, àquelas famílias brancas.” (Peruzzo; Sacramento, 2019)

2.1 Revisão de literatura

O inglês é uma língua utilizada por aproximadamente 1 bilhão e meio de falantes nativos e não nativos ao redor do mundo (ETHNOLOGUE, 2025). Sua importância global deve-se a este ser o idioma usado como meio de comunicação por diversas organizações internacionais, além da música e da cultura popular, do mundo acadêmico e do comércio internacional (HURN; TOMALIN, 2013, p. 62). A relevância da língua inglesa no cenário mundial justifica a presença desse componente curricular obrigatório na educação básica.

A língua inglesa ainda se mantém neste posto, pois os Estados Unidos ainda ocupam o protagonismo nas relações econômicas e diplomáticas ao redor do mundo. Entretanto, precisamos lembrar que “a raiz histórica da dominação do Inglês são quatro séculos de Império Britânico” (SARACENI, 2023). Dominação essa que trouxe “expansão imperial, envolvendo apropriação de terras, genocídio escravidão, fome, subjugação, saque e exploração.” (SARACENI, 2023) Uma marca da colonização britânica é que várias das nações que um dia foram colônia do Império Britânico tem a língua inglesa como língua oficial, como Índia, Paquistão, Nigéria e Filipinas. (GIDEON, 2024).

A importância do inglês como língua franca não determina nem exige a forma como este idioma deve ser ensinado. Entretanto, ao longo das décadas várias abordagens foram propostas e testadas, entre elas, a abordagem comunicativa. A escolha da abordagem vai depender da preferência de cada professor ou ainda da exigência da escola ou do material utilizado, mas a utilização da abordagem comunicativa apresenta várias vantagens.

De acordo com Swan (1985), essa abordagem é uma metodologia que encorajou a simulação de diálogos da vida real, analisando e ensinando a língua em contexto de interação. Para Hedge (2000), esta abordagem “é baseada na crença de que, se o desenvolvimento da habilidade comunicativa da linguagem é o objetivo da aprendizagem em sala de aula, então a prática comunicativa deve ser parte do processo”. Isso significa que a língua inglesa será o meio de comunicação utilizado em sala de aula e irá proporcionar conhecimento linguístico para que os alunos atinjam a fluência. Para que o objetivo da fluência seja atingido, as tarefas devem ter alguns critérios: a língua deve ser um meio para um fim, o conteúdo deve ser determinado

pelo estudante, deve haver uma negociação de significados entre os falantes e o que o aluno escuta não deve ser previsível. (HEDGE, 2000)

Todos estes critérios reforçam o aspecto de imitação de situações reais que a abordagem comunicativa almeja. Por isso, é importante que os materiais sejam autênticos e não materiais produzidos especialmente para o aprendizado de uma língua adicional. Na sala de aula, é importante, portanto, utilizar materiais que os alunos facilmente encontrariam em sua vida cotidiana: *posts* de redes sociais, canções, entrevistas, artigos jornalísticos etc. Por isso, a utilização de canções no aprendizado de uma língua adicional é uma forma de utilizar materiais autênticos e atuais e também uma forma de atrair a atenção dos alunos utilizando materiais de suas vidas cotidianas. Além disso, seu uso é reforçado pela habilidade EM13LGG103 da BNCC (2018) que menciona a utilização de “discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais)”.

Além disso, se considerarmos metodologias que são descritas como extensão da abordagem comunicativa, acabamos encontrando a Instrução Baseada em Conteúdos. Nesta abordagem, segundo Richards (2006, p.28), o conteúdo, que é o veículo que une a lição ou o exercício, é decidido antes de decisões referentes à gramática, habilidades, funções, etc.. Ela é baseada “no princípio que o aprendizado eficaz de uma língua ocorre quando os alunos são expostos a um material na língua alvo de forma significativa, contextualizada, cujo foco é adquirir informação e conhecimento”. (TELLES, 2021). Uma abordagem que troca o foco na forma pelo foco no significado tende a produzir um processo de aprendizagem mais engajador e eficaz.

A utilização de canções nas aulas de língua adicional tem se mostrado uma forma positiva de trabalhar com a língua. De acordo com Kumar et al (2022), há o benefício psicológico, pois as canções reduzem a ansiedade e ativam o hemisfério cerebral ligado à aprendizagem de línguas, além de melhorarem o ambiente e motivarem os alunos. Além disso, o texto da canção pode oferecer informações culturais e/ou históricas, ideias para discussões, e, ainda, as palavras nas canções proporcionam expansão do vocabulário e a prática da pronúncia. Segundo a BNCC, é importante buscar diferentes meios de trabalhar a língua como “apropriar-se das linguagens da cultura digital, dos novos letramentos e dos multiletramentos para explorar e produzir conteúdos em diversas mídias, ampliando as possibilidades de acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho” (BRASIL, 2018).

Aprender uma língua adicional envolve também aprender sua cultura: “A cultura no aprendizado de línguas não é uma dispensável quinta habilidade, anexada, por assim dizer, ao ensino da fala, escuta, leitura e escrita. Ela está sempre em segundo plano, desde o primeiro dia.” (KRAMSCH, 1993). Sendo assim, priorizar a seleção de materiais autênticos proporciona acesso a conteúdos culturais, tornando possível atingir dois objetivos com um só material: podemos trabalhar a cultura utilizando as canções como material autêntico. Ademais, há o viés da prática social da linguagem, algo muito bem ilustrado pela competência específica 2 da Área de Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Médio:

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018).

Isso significa ensinar a cultura que permeia uma língua adicional contextualizando-a: fazendo com que o aluno perceba que, por trás das expressões culturais utilizadas por diferentes autores (no caso das canções, compositores), há ideias e posicionamentos que devem ser identificadas e reconhecidas por todos, levando o aluno a ter mais empatia e a aprender a respeitar diferentes posicionamentos e opiniões, habilidades necessárias ao estudante que está terminando sua formação básica. hooks² (2024, p. 56), no mesmo sentido, afirma que:

Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora.

Ao abraçarmos e integrarmos ativamente a diversidade cultural do mundo em nossa maneira de ensinar, conseguimos oferecer uma educação mais relevante, profunda e empoderadora para os alunos. E isso irá ajudar a formar cidadãos críticos e atuantes.

² O nome aparece em letras minúsculas como forma de respeito à autora. hooks gostava de ser referenciada em letras minúsculas pois pretendia dar enfoque aos seus escritos e não à sua pessoa. Disponível em: <https://tricycle.org/magazine/bell-hooks-buddhism/> Acesso em: 28 de novembro de 2025.

A realidade da sala de aula tradicional nem sempre proporciona a oportunidade para o ensino da cultura. Por isso, o trabalho com canções abre uma porta relevante para a utilização de materiais autênticos e de livre acesso. Elas são uma forma rápida de atingir os alunos principalmente quando utilizamos opções já presentes em seu repertório musical. Além disso, esse trabalho facilita a possibilidade de fazer conexões com os alunos, pois, conforme menciona Taulean (2010), “precisamos ser relevantes e conectar às realidades das vidas dos estudantes. Precisamos demonstrar uma razão para aprender além de apenas ser aprovado porque é necessário. E por último precisamos mostrar aos alunos um pouco de diversão e entretenimento.” (p. 34)

Quando utilizamos o entretenimento para trabalhar questões relevantes conseguimos de uma forma mais leve trabalhar assuntos pertinentes à sociedade atual. A lei n. 10.639 estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da História da África e cultura afro-brasileira nas instituições de ensino públicas e privadas, incluindo a data do 20 de novembro como Dia da Consciência Negra no calendário escolar, data que posteriormente viraria feriado nacional. Mas este é um tópico que ainda exige discussão, pois ainda vivemos em uma sociedade que perpetua concepções racistas e machistas. Um dos aspectos que podemos analisar refere-se ao número de pessoas mortas de formas violentas:

Em relação ao perfil étnico-racial das vítimas, chama a atenção como a distribuição de raça/cor muda de acordo com cada natureza do boletim de ocorrência (BO). Se em média 79% das vítimas são negras (pretas e pardas), entre as vítimas de latrocínio (roubo seguido de morte), 60,8% são negros e 38,5% de brancos, a maior proporção de brancos entre as naturezas analisadas. Já nas mortes em decorrência de intervenções policiais os negros representam 82% das vítimas e brancos somam apenas 17,6%. (ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2025, p.35)

No mesmo documento, podemos verificar um aumento de 26,3% nos registros de racismo e 41,4% nos casos de injúria racial. O mesmo Anuário salienta que:

Em 2024, uma vez mais, os dados oficiais de registros policiais indicam aumento de diversas formas de violência contra as mulheres. Neste ano, as análises desta seção se debruçam sobre nove tipos de crime contra mulheres: homicídio e feminicídio (em suas modalidades consumada e tentada), lesão corporal dolosa em contexto de violência doméstica, ameaça, perseguição (stalking), violência psicológica e, de forma inédita, o crime de descumprimento de Medida Protetiva de Urgência (MPU). (ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2025, p.145)

Um outro parâmetro para medir a importância de ainda abordarmos o tema racismo é a própria criação do Decreto 53.817/2017, pela Secretaria de Estado da Educação do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, que institui o Plano Estadual de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e dos Povos Indígenas e a posterior criação do Programa Antirracista da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC-RS). Esse programa visa “transformar práticas pedagógicas e administrativas, contribuindo para a construção de um ambiente educacional mais justo e inclusivo.” (RIO GRANDE DO SUL, 2022)

O debate dos temas racismo e feminismo acaba direcionando a discussão para a questão do Feminismo Negro, assunto que apresenta uma intersecção dos aspectos de raça, gênero e classe social e que demanda atenção dos docentes no Brasil por apresentar relevância no contexto brasileiro e estadunidense, e que acaba sendo trabalhado nas aulas de Língua Inglesa como Língua Adicional. Essa é uma questão enfrentada por ambas as culturas e possui características em comum: ambas foram ponto de destino da diáspora africana que gerou uma população escravizada e em ambas as culturas ainda precisamos lidar com a herança colonial do racismo. Como diria Gomes (2024, p. VIII): “Em nós, sujeitas e sujeitos afrodiáspóricos, habitam sentimentos comuns de resistência, amor e força, mesmo que estejamos geograficamente distantes. Somos parte de uma mesma comunidade.”

Sueli Carneiro, em seu trabalho, ela chama a atenção sobre a necessidade de “enegrecer o feminismo hegemônico de bases brancas e eurocêntricas” (ASSIS, 2019) para que as mulheres negras tenham melhorias estruturais em suas vidas. Precisamos entender e trabalhar com os alunos que as mulheres negras não tiveram a mesma vivência e os mesmos direitos que a mulher branca:

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. (CARNEIRO, 2011)

Podemos compreender um pouco melhor esta posição da mulher negra ao lermos o discurso que Sojourner Truth fez em 1851 em uma convenção pelos direitos das mulheres em Akron, Ohio, Estados Unidos:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Seu discurso foi proferido após alguns pastores falarem que “mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens, porque seriam frágeis, intelectualmente débeis, porque Jesus foi um homem e não uma mulher e porque, por fim, a primeira mulher fora uma pecadora.” (PINHO, 2014). Seu discurso somente evidenciou a exclusão das mulheres negras pois elas já trabalhavam de sol a sol em condições que nem de longe as faziam frágeis. Pelo contrário: seus corpos eram força de trabalho e não um objeto frágil que deveria ser protegido.

O lugar social ocupado pela mulher negra proporciona o infeliz cruzamento entre machismo e racismo, o que levou Vilma Piedade a conceituar o termo dororidade já que sororidade não conseguia abranger todas essas características que são pertinentes ao feminismo negro:

Quando eu argumentei que Dororidade carrega, no seu significado, a Dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo, destaquei que quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravo nessa Dor, agravo provocado pelo Racismo. Racismo que vem da criação Branca para manutenção de Poder... E o Machismo é Racista. Aí entra a Raça. E entra Gênero. Entra Classe. Sai a Sororidade e entra Dororidade.

Feminismo Negro é uma forma de abranger a todas, entendendo as características que lhe são peculiares. Além disso, o feminismo negro feminiliza as pautas do movimento negro. A partir das pautas do Movimento Negro Unificado e do Feminismo foi criado o Movimento de Mulheres Negras para “buscar redefinir a ação política destes dois movimentos em função da especificidade que o inspira: o ser negra”(CARNEIRO, 1993). “Pensar a contribuição do feminismo negro na luta anti-

racista é trazer à tona as implicações do racismo e do sexismo que condenaram as mulheres negras a uma situação perversa e cruel de exclusão e marginalização sociais.” (CARNEIRO, 2003)

Lélia Gonzalez, através de seus estudos, demonstra “como a intersecção de gênero e raça na sociedade brasileira produz lugares pré-definidos para mulheres e homens negros em nossa sociedade.” (ASSIS, 2019) Seu conceito *amefricanidade* nos ajuda a compreender melhor as características comuns a todos aqueles que fizeram parte da diáspora no continente americano:

Por conseguinte, o termo amefricanas/amefricanos designa toda uma descendência: não apenas a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro, como a daqueles que chegaram à América muito antes de Colombo. Tanto ontem como hoje, amefricanos oriundos dos mais diferentes países têm desempenhado um papel crucial na elaboração dessa Amefricanidade que identifica, na diáspora, uma experiência histórica comum que exige ser devidamente conhecida e pesquisada com atenção. Embora pertençamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo em todas elas, ou seja: o racismo, essa elaboração fria e extrema em todos os níveis de pensamento, assim com parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades. (GONZALEZ, 1988)

É importante que cada vez mais pessoas conheçam esses termos e esses trabalhos para que juntos possamos diminuir o racismo em nossa sociedade. As pessoas precisam conhecer as “outras” histórias presentes em nossas realidades e entender estas “múltiplas visões de mundo para que possamos nos enriquecer como sociedade.” Para que essa compreensão seja efetiva, é necessário reconhecer o conceito de lugar de fala como a posição social a partir do qual um indivíduo vivencia e interpreta o mundo. Djamila Ribeiro sintetiza essa ideia ao afirmar que:

[...] o lugar de fala não é o que se fala, é de onde se fala. Então, todo mundo pode falar sobre tudo. Só que a gente vai falar de lugares diferentes, porque você é uma mulher branca, eu sou uma mulher negra. Você parte de um lugar social diferente do meu. Você vai viver a experiência de ser mulher diferente de mim, que vou viver uma experiência racializada como uma mulher negra. Então você fala do seu lugar, mas isso não significa que você não pode debater sobre a questão racial, até porque a gente tá em relação racial. Então se é um grupo sendo discriminado, é um grupo que discrimina. É importante que o grupo que historicamente se beneficiou da opressão, compreenda o que significa isso. Entenda que os seus privilégios foram construídos, não são naturais. (SEM CENSURA [...], 2025).

Todos estes autores foram importantes para ajudar a elaborar a base teórica por trás da sequência didática que será apresentada neste artigo assim como o desenvolvimento deste artigo. Partindo das teorias referentes ao ensino da língua inglesa como língua adicional, passando pelo trabalho com cultura em sala de aula e completando o caminho com grandes estudiosas do Feminismo Negro que iniciaram os estudos sobre este assunto e nos trazem, até hoje, reflexões importantes sobre a importância do bem viver para todos, independente de raça, gênero e classe social.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa é de natureza bibliográfica e exploratória. A partir dos conceitos apresentados na fundamentação teórica e refletindo sobre a minha prática docente, proponho uma intervenção pedagógica tendo como fio condutor a canção *Jolene* de nas versões de Dolly Parton (1973) e Beyoncé (2024), a fim de proporcionar a reflexão crítica e cultural sobre aspectos de gênero e raça presentes nas duas versões da canção. Através destas canções, demonstro que é possível trabalhar na aula de língua inglesa com temas étnico-raciais, além da temática do feminismo negro, e trazê-lo nesta abordagem interseccional cruzando classe, gênero e raça cruzando-os com as temáticas presentes nas canções.

Além disso utilizo a Instrução Baseada em Conteúdo que é uma metodologia que deriva da abordagem comunicativa onde mostro que é possível trabalhar um material que é apresentado de forma significativa e contextualizada para trazer aos alunos mais informação e conhecimento sobre o feminismo negro e a interseccionalidade.

4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A canção *Jolene* está presente no último álbum da cantora Beyoncé, *Cowboy Carter*, lançado em 2024 e, como o nome sugere, é inspirado no gênero musical Country, gênero este surgido no sul dos Estados Unidos, mas que atualmente não pode ser reduzido a somente uma região do país. Sua inspiração para o álbum provavelmente vem por ter nascido em Houston, Texas, região ao sul dos Estados

Unidos, onde a música *country* indiscutivelmente forma uma parte vital e proeminente de sua cultura. (LOCK, 2003)

Como álbum *country* ele apresenta referências à música *country*: que vão desde interlúdios com figuras importantes da música *country* (Willie Nelson, Dolly Parton e Linda Martell) até canções com acordes que remetem a este estilo musical.

A canção *Jolene*, de Beyoncé é uma versão da canção escrita por Dolly Parton em 1973 e lançada no álbum de mesmo nome. Segundo a própria cantora, o nome vem de uma fã que uma vez lhe pediu um autógrafo, mas se refere a uma bancária que ela brincava ter uma queda pelo seu marido. Apesar da canção original e sua versão terem a maior parte de sua letra diferente, o tema é o mesmo: insegurança feminina.

A sequência didática começa exatamente com uma discussão sobre isso: em inglês os alunos são estimulados a falar sobre traição (se já foram traídos ou traíram) e há também um questionamento direcionado às meninas sobre insegurança feminina: se elas acreditam que são mais suscetíveis a serem traídas por serem mulheres.

Este tipo de discussão busca trabalhar com os alunos sobre o papel do homem e da mulher nas relações e na sociedade. “Desde as primeiras histórias sobre a criação dos sexos, o ser feminino sempre foi visto a partir de um olhar inferiorizado.” (FERREIRA JÚNIOR, 2018) As relações entre os gêneros derivam de uma organização social historicamente estabelecida há muitos anos. Por isso essa insegurança feminina ao tentar libertar-se destes padrões. Como continua Ferreira Junior (2018):

A mulher se tornou um objeto da vida social e matrimonial; assim como os escravos, sua principal função era servir ao amo da casa. Para os escravos servir ao amo, para os contratados servir ao patrão, para a mulher servir ao marido. Todos em função de serventia a um mesmo homem naturalmente livre.

Na próxima etapa da sequência didática, os alunos têm a prática de escuta em língua inglesa: eles devem ordenar a versão de Beyoncé da canção *Jolene* à medida que vão a escutando. A parte de compreensão escrita acompanha esta parte pois os alunos vão conferir se colocaram na ordem correta ao comparar com a versão da canção traduzida em português.

Com a letra original em inglês e a versão da canção em português os alunos são instigados a refletir sobre questões apresentadas. Beyoncé, em sua versão,

assume o papel do cônjuge controlador, algo mais presente no cônjuge masculino das relações heterossexuais devido a todo o histórico de “desigualdade patriarcal de gênero” em que a violência contra a mulher tem origem já que a monogamia era “uma forma de controle sobre a mulher que passa a exercer e executar atividades cruciais para a manutenção do capital.” (BARROSO, SILVA, LIMA, 2022). Monogamia essa que era exigida da mulher, mas que era “liberada ao homem” muitas vezes citando o instinto como desculpa para tais atos.

Na etapa seguinte da sequência didática, os alunos identificam a parte do vocabulário que demonstra a questão de raça na versão de Beyoncé de *Jolene*. Versos como “I’m still a Creole banjee bitch from Louisianne.” (*Eu ainda sou uma vadia crioula banjee da Luisiana.*) reforçam a origem negra da cantora. Além disso, conforme Pow (2024) versos como: “You’re a bird”, “you don’t want no heat with me”, “you don’t want this smoke”, and “I hate to have to act a fool”, entre outros, são termos culturalmente familiares às mulheres sulistas negras. A introdução de elementos da identidade afro-americana reforça a posição de Beyoncé de mulher negra estadunidense.

Beyoncé aproveita sua arte assim como tantas outras antes dela. “As pessoas negras foram capazes de criar uma comunidade estética de resistência com sua música, o que por sua vez encorajou e nutriu uma comunidade política de luta ativa por liberdade” (DAVIS, 1989). No álbum em que está presente a canção *Jolene*, ela combate o machismo e o racismo de uma só vez porque trabalha com o estilo musical *country* que é um lugar tradicionalmente pertencente a homens brancos. Beyoncé já apresentava a questão racial em suas criações anteriores:

Desde o lançamento de *Lemonade*, sexto álbum da carreira de Beyoncé, em 2016, a artista tem trabalhado, com uma densidade de referências, a questão racial. As referências à história da diáspora negra nas Américas, as lutas pelos direitos civis nos Estados Unidos, a ancestralidade, os movimentos antirracistas e a história da arte negra são algumas das pautas presentes em suas criações. (GADELHA, 2023)

Na próxima etapa da sequência didática os alunos são apresentados à versão de Dolly Parton: em um primeiro momento eles devem realizar uma atividade de compreensão auditiva ao completar a letra da canção com as palavras que faltam à medida que a escutam. Depois, em uma atividade de compreensão escrita os alunos

conferem suas respostas ao comparar a letra em inglês com sua versão traduzida em português. Após, os alunos são convidados a refletir a forma como Dolly Parton lida com sua Jolene: ela é mais discreta, menos incisiva e mais delicada. Algo que Dolly Parton também precisava demonstrar em virtude do conservadorismo ainda presente quando do lançamento desta canção (1973). Como Pow (2024) mesmo coloca: “Ela (Dolly Parton) fez essa canção em um período em que ocorria a segunda onda do movimento feminista, mas muitas mulheres do sul eram politicamente conservadoras e viam o movimento como uma ameaça. “Além disso a questão de raça não é tão perceptível porque “a branquitude muitas vezes passa despercebida” (Pow, 2024).

A sequência didática apresentada visa mostrar aos alunos como esta versão de Beyoncé busca transformar esta visão de dependência e vulnerabilidade que a mulher deve possuir (e que é expressa na versão de Dolly Parton) numa postura mais empoderada e autoconfiante. Ela quer mostrar-se como alguém protagonista de sua própria história. Quando Beyoncé fala: “I'm warnin' you, don't come for my man” (*Estou te avisando, não vem atrás do meu homem.*), “Your peace depends on how you move” (*Sua paz depende do seu modo de agir.*) e “‘cause you can't dig up our planted seeds” (*você não pode desenterrar aquelas sementes que plantamos.*) ela mostra que “O conceito de uma feminilidade onde “bom” pressupõe charme, vulnerabilidade e pureza e “mal” é agressivo, manipulativo e autônomo sexualmente é um conceito limitado e binário construído pelo patriarcado branco.”(POW, 2024)

Além disso, esta sequência didática busca trabalhar a questão raça quando é dito aos alunos que esta canção faz parte de um álbum classificado como o *country*, gênero tradicionalmente dominado por homens brancos e que Beyoncé se tornou “a primeira mulher negra a liderar as paradas do country da Billboard nos Estados Unidos.”(SOUZA, 2024). A declaração de Beyoncé (2024) de que sua esperança é de que a menção à raça de um artista no que diz respeito ao lançamento de gêneros musicais seja irrelevante nos próximos anos somente reforça sua postura antirracista.

Na próxima etapa, os alunos conhecem o trabalho da artista Sophie Calle através de vídeos do YouTube. Nestes vídeos é apresentada a exposição “Cuide de você”. Esta exposição mostra como 100 mulheres de diferentes profissões interpretaram a frase “Cuide de você”, frase esta usada por um antigo namorado de Sophie para encerrar um relacionamento por email. A ideia aqui é mostrar que as pessoas lidam e expressam de forma diferente seus sentimentos em relação ao término de um relacionamento. Da mesma forma que Beyoncé reinterpretou a

infidelidade e a insegurança feminina em sua *Jolene*. Os alunos são, então, convidados a imaginar diferentes formas de reagir a uma insegurança amorosa. Nas aulas seguintes, eles vão apresentar suas releituras para encerrar esta sequência didática.

Por muitos anos lutamos pelo feminismo. Lutamos pela inclusão das mulheres no mercado de trabalho e lutamos por direitos iguais. Ora, mulheres negras já estavam trabalhando há muito tempo. Trabalho esse escravo, sem nenhum tipo de remuneração. Carneiro afirma que (2003) “Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar.”

Estes temas vêm sendo tratados individualmente há muitos anos. Mas tratá-los individualmente não é o suficiente para compreender a complexa dimensão presente quando estes temas são unidos. A interseccionalidade ajuda a entender melhor o quão complexo é o feminismo. Carneiro também assinala que (2003), “é possível afirmar que um feminismo negro, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades.” Toda esta sequência didática busca, então, trabalhar todos estes aspectos utilizando elementos atuais como o gênero canção e a arte contemporânea além de trabalhar a abordagem da instrução baseada em conteúdos unindo o trabalho linguístico presente nas aulas de língua inglesa como língua adicional juntamente com o tema Feminismo Negro presente nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos professores cabe a tarefa de ensinar, devendo, ao ensinar seus conteúdos, trabalhar questões pertinentes à realidade social dos alunos, questões essas que estão sendo trabalhadas há muito tempo, mas que ainda são pontuais e precisam ser tratadas. Elas, inclusive, fazem parte de políticas públicas na área da educação. A aula de língua inglesa também pode fazer seu trabalho ao unir estas questões com suas próprias metodologias de ensino.

Grandes mulheres como Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, bell hooks, só para citar algumas, deram início a estas importantes reflexões. Cabe a nós, mulheres e professoras, a continuidade de seus trabalhos e ensinar aos nossos alunos uma postura menos preconceituosa e mais empática em suas vidas.

Este trabalho tentou demonstrar a importância de aproveitar o espaço escolar para desenvolver questões importantes para o desenvolvimento integral do aluno, dando a base teórica para que o aluno possa desenvolver seu potencial de criar novas formas de existir. E que nestas novas formas de existir todas as mulheres possam realmente desfrutar uma igualdade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BEYONCÉ. act ii - COWBOY CARTER 3.29. @beyonce. Janeiro, 2024. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/C4s6Zr7rlwA/?utm_source=ig_embed&ig_rid=36768c86-a00b-4d45-8115-1869f34ad52d Acesso em 31 out 2025.

CARNEIRO, Sueli. **A Organização Nacional das Mulheres Negras e as Perspectivas Políticas**. Cadernos Geledés Número 4: São Paulo, 1993. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Mulher-Negra.pdf>. Acesso em: 25 out. 2025.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Geledes, 2011. Disponível em <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/> Acesso em 06 out 2025

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento** . Estudos Avançados, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 49, p. 117–133, 2003. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/9948>.. Acesso em: 21 out. 2025.

ETHNOLOGUE. **What are the top 200 most spoken languages?** Disponível em <https://www.ethnologue.com/insights/ethnologue200/> . Acesso em 29 set 2025.

FERREIRA JÚNIOR, Agnaldo Paulino. Gênero e violência simbólica: um estudo introdutório sobre o ser da mulher e os papéis construídos em sociedade. In: **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 9, n. 17, p. 309–318, 2018. DOI: 10.5752/P.2177-6342.2018v9n17p309-318. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/SapereAude/article/view/17469>. Acesso em: 1 dez. 2025.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/279>. Acesso em: 13 out 2025

GADELHA, Kaciano. **O som da negridade em Apeshit**. Revista de Antropologia, São Paulo, Brasil, v. 65, n. 2, p. e197958, 2023. DOI: 10.11606/1678-9857.ra.2022.197958. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/197958>.. Acesso em: 14 out. 2025.

GOMES, Nilma Lino. Prefácio à edição brasileira. In: HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2024.

GOMES, Simone Lima. **O uso de canções como ferramenta pedagógica para o ensino crítico: uma experiência nas aulas de inglês**. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2012, 188 f. Dissertação de mestrado. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10486/3/2012_SimoneLimaGomes.pdf. Acesso em: 21 jun. 2025.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro. N°. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

HEDGE, Tricia. **Teaching and Learning in the Language Classroom**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2024.

HURN, Brian J.; TOMALIN, Barry. **Cross-Cultural Communication: Theory and Practice**. London: Palgrave Macmillan, 2013.

IRALA, Valesca B. LEFFA, Vilson J. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In: IRALA, Valesca B.

ISMERIM, Isaac Leandro Santos; SILVA, Tiago Pellim da. Ensino de inglês com música sob o viés do letramento crítico: uma proposta à luz dos objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU. **Revista de Estudos de Cultura**, São Cristóvão, v. 10, n. 25, p. 1–20, 2024. DOI: 10.32748/revec.v10i25.21113. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/21113>. Acesso em: 1 dez. 2025.

LEFFA, Vilson J. (org). **Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil**. Pelotas: Educat, 2014. p. 26-53. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/340841397_Uma_espiadinha_na_sala_de_aula_ensinando_linguas_adicionais_no_Brasil. Acesso em 19 out 2025.

JOLENE. Intérprete: Beyoncé. Compositor: Dolly Parton. In: COWBOY CARTER. Los Angeles: Parkwood Entertainment e Columbia Records, 2024. Streaming Spotify, Faixa 10.

JOLENE. Intérprete: Dolly Parton. Compositor: Dolly Parton. In: JOLENE. Nashville: RCA, 1973. Streaming Spotify, Faixa 11.

KRAMSCH, C. **Context and Culture in Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

KUMAR, Tribhuvan et al. **Use of Music and Songs as Pedagogical Tools in Teaching English as Foreign Language Contexts**, Education Research International, 2022, Disponível em <https://doi.org/10.1155/2022/3384067>. Acesso em 29 set 2025.

LET THEM TALK TV. **How English Became The Global Language**. YouTube, 13 de março de 2024. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZpkDsnJiJ78>>. Acesso em 04 out 2025.

LOCK, Cory. **Counterculture Cowboys: Progressive Texas Country of the 1970s & 1980s**. Journal of Texas Music History, Volume 3, Number 1, 2003. Disponível em https://docs.gato.txst.edu/55974/Volume_3_No_1_Counterculture-Cowboys.pdf. Acesso em 14 out 2025.

MORAES, Eunice Lea de; CONCEIÇÃO DA SILVA, Lucia Isabel. **Feminismo negro e a interseccionalidade de gênero, raça e classe**. Cadernos de Estudos Sociais e Políticos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 58–75, 2019. DOI: 10.12957/cesp.2017.32989.

Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/CESP/article/view/32989>. Acesso em: 21 jun. 2025.

O'CONNOR, Roisin. How Beyoncé gave Dolly Parton's classic song 'Jolene' her own signature twist. **The Independent**, 29 mar. 2024. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/music/news/beyonce-jolene-lyrics-jay-z-dolly-parton-b2520515.html>. Acesso em: 21 jun. 2025

PERUZZO, R. G.; SACRAMENTO, S. M. P. do. "Liberté, égalité, Beyoncé": o feminismo em músicas pop internacional. *Revista Ártemis*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 136–148, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2019v28n1.47850. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/47850>. Acesso em: 6 jul. 2025.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. Editora Nós: São Paulo, 2017.

PINHO, Osmundo. [Comentário sobre a tradução] In: E não sou mulher? **Geledés**, 2014. Disponível em <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em 20 out 2025.

POW, Kadian. Beyoncé and Dolly Parton's versions of Jolene represent two sides of southern femininity. **The Conversation**, 22 abr. 2024. Disponível em <https://theconversation.com/beyonce-and-dolly-partons-versions-of-jolene-represent-two-sides-of-southern-femininity-228148>. Acesso em: 21 jun. 2025

RICHARDS, Jack. C. **Communicative Language Teaching Today**. Cambridge University Press: Cambridge, 2006. Disponível em: https://www.cambridge.org/elt/passages2e/teacher/downloads/articles/Richards_Communicative_Language_Teaching_Today.pdf. Acesso em 01 dez 2025

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Estadual da Educação. **Educação Antirracista**. Porto Alegre, 9 fev. 2022. Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/educacao-antirracista-e-curriculo-do-ensino-medio-gaucha-marcam-o-segundo-encontro-da-jornada-pedagogica-2022-62cdd2ab2d008>. Acesso em: 13 out. 2025.

SARACENI, M. **How do you decolonise the English language?** Aeon Essays, 2023. Disponível em: <https://aeon.co/essays/how-do-you-decolonise-the-english-language> . Acesso em 03 out 2025

SEM CENSURA. Djamilia Ribeiro fala sobre “Lugar de Fala” e consciência social. Direção geral: Bruno Barros. Apresentação: Cissa Guimarães. [Rio de Janeiro, s.n.] 20 maio 2025. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal TV Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uuh8gU9oHwE>. Acesso em: 22 out. 2025.

SENE, Rosana Aparecida Ribeiro de. Identidades de raça, gênero e de sexualidade no ensino/aprendizagem de língua inglesa: Sugestões de atividades. **Letramento Racial Crítico, Livro Didático e Interseccionalidades**, Uniletras, Ponta Grossa, v. 41, n. 2, p. 193-213, jul/dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/14823>. Acesso em: 21 jun. 2025.

SOUZA, Antônio. Com 'Texas Hold'Em', Beyoncé se torna a primeira mulher negra a liderar as paradas Country do EUA. Exame, 2024. Disponível em https://exame.com/pop/com-texas-holdem-beyonce-se-torna-a-primeira-mulher-negra-a-liderar-as-paradas-country-do-eua/?utm_source=copiaecola&utm_medium=compartilhamento. Acesso em 31 out 2025.

SWAN, Michael. **A Critical look at the Communicative Approach (2)**, ELT Journal, Volume 39, 1985. Disponível em https://scholar.google.com.br/scholar_url?url=https://www.academia.edu/download/31992348/swan_article.pdf&hl=pt-BR&sa=X&ei=31zhaK7BM8O6rQP8eu_gAo&scisig=AAZF9b-GoPIVkpeRkka1sBaffBG3&oi=scholar. Acesso em 04 out 2025.

TAULEAN, Micaela. **On Foreign Language Teaching With Intercultural Perspective**. Disponível em <https://ibn.idsi.md/sites/default/files/imag_file/On%20foreign%20language%20teaching%20with%20intercultural%20perspective.pdf>. Acesso em 05 out 2025.

TELLES, Regina Helena Carnaúba. **Contribuições da instrução baseada em conteúdos (CBI) no ensino de língua inglesa para crianças**. Cadernos da Fucamp: Monte Carmelo. v. 20 n. 47, p.160-168. Junho, 2021.

TRUTH, Sojourner. E não sou uma mulher? **Geledés**, 2014. Disponível em <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em 20 out 2025.

ANEXOS

PLANO DE AULA

NOME DA PROFESSORA: Vanessa Abreu	HORÁRIO DO INÍCIO DA AULA: 11:00
SÉRIE: 2º ANO - ENSINO MÉDIO	DURAÇÃO DA AULA: 50 minutos
NÚMERO DE ALUNOS: 25	

JUSTIFICATIVA

A partir das questões machistas e racistas da sociedade atual, é importante transformar a aula de língua inglesa em um espaço de letramento crítico e intercultural, onde a gramática e o vocabulário são ferramentas para a análise e intervenção social, utilizando a arte e a cultura popular como pontes para a aprendizagem significativa.

OBJETIVOS PRINCIPAIS	<ul style="list-style-type: none">→ <i>Praticar as quatro habilidades da língua inglesa: escrita, leitura, fala e escuta utilizando um repertório atual;</i>→ <i>Expandir os repertórios linguísticos, multissemióticos e culturais dos estudantes;</i>→ <i>Abordar o tema infidelidade, insegurança feminina e sororidade feminina sob a ótica dos estudos feministas através de debate em grupo utilizando o tempo verbal Present Perfect.</i>→ <i>Analisar uma música atual e de sucesso e a partir dela propor reflexões sobre o quanto as escolhas linguísticas utilizadas em canções populares em língua inglesa podem evidenciar as opiniões e vivências do(a) intérprete de uma canção.</i>→ <i>Apresentar aos alunos uma diferente versão desta canção e comparar as duas versões. Tendo a canção “Jolene” nas versões de Beyoncé e Dolly Parton como fio condutor, trabalhar as quatro habilidades em língua inglesa: competência auditiva, escrita, oralidade e leitura.</i>→ <i>Produzir uma releitura do tema infidelidade usando como inspiração as canções trabalhadas e a obra “Cuide de Você” da artista Sophie Calle.</i> <p><i>Objetos de aprendizagem: Present Perfect, vocabulário e oralidade.</i></p>
COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS ÁREA DAS LINGUAGENS - BNCC	<p><i>- <u>Competência Específica 1</u> - Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias,</i></p>

	<p><i>para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <u>Competência Específica 3</u> - <i>Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.</i> - <u>Competência Específica 4</u> - <i>Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como respeitando as variedades linguísticas e agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.</i>
<p>OBJETIVOS SECUNDÁRIOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Estimular os alunos a prestar atenção na letra de canções atuais;</i> - <i>Encorajar os alunos a buscar a origem de músicas regravadas;</i> - <i>Proporcionar uma utilização significativa do uso do Present Perfect;</i> - <i>Estimular os alunos a observar a forma como os falantes de língua inglesa utilizam para expressar diferentes opiniões e estilos de vida;</i> - <i>Estimular a utilização da arte para ajudar a compreender melhor sentimentos e opiniões pessoais.</i>
<p>HABILIDADES BNCC</p>	<ul style="list-style-type: none"> - <i>(EM13LGG102): Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias como forma de ampliar suas possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade.</i> - <i>(EM13LGG302): Compreender e posicionar-se criticamente diante de diversas visões de mundo presentes nos discursos em diferentes linguagens, levando em conta seus contextos de produção e de circulação.</i> - <i>(EM13LGG401): Analisar textos de modo a caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.</i>
<p>SUPOSIÇÕES</p>	

	<ul style="list-style-type: none"> - A maioria dos alunos já está familiarizado com o tempo verbal <i>Present Perfect</i>; - Possivelmente, os alunos já debateram questões de gênero e raça em outros componentes curriculares; - Provavelmente eles já conhecem a versão atual da canção a ser trabalhada e/ou conhecer a intérprete da canção.
PERFIL DA TURMA	<ul style="list-style-type: none"> - Alunos do 2º ano do Ensino Médio da disciplina de Itinerário Formativo - inglês de uma escola privada. Alguns dos alunos sabem bastante inglês, mas outros alunos têm um conhecimento muito limitado em relação ao vocabulário e estrutura da língua.
POSSÍVEIS PROBLEMAS	<ul style="list-style-type: none"> - Alguns alunos podem não participar ativamente da discussão por não ter empatia com o tema; - Alguns alunos podem não conhecer a canção que será utilizada nas aulas; - Pouca habilidade de escuta para realizar as atividades de compreensão oral; - Alguns alunos podem não estar com o material da primeira aula na segunda aula; - Alguns alunos podem não se empenhar para realizar a releitura crítica criativa porque a disciplina não tem notas, e sim, conceitos. Por isso, alguns não se dedicam tanto quanto em componentes curriculares que possuem avaliação por nota.
MATERIAIS USADOS	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro; - Projetor; - Apresentações de Slides; - Folhas fotocopiadas; - Canção "Jolene" nas versões das intérpretes Beyoncé (2024) e Dolly Parton (1973); - Vídeos Sophie Calle - Expo "Cuide de você" - Programa Soterópolis Sophie Calle at EMMA

AULA 1

<u>ETAPA</u>	<u>PROCEDIMENTO</u>	<u>PADRÃO DE INTERAÇÃO</u>	<u>OBJETIVOS</u>	<u>TEMPO</u>
Introdução	<i>Perguntar aos alunos qual sua opinião sobre infidelidade. Fazer perguntas sobre suas experiências em relação à infidelidade: Have you ever</i>	<i>Professor-aluno</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Ativar conhecimento prévio sobre o uso do tempo verbal <i>Present perfect</i>; 	15 min

	<p><i>been unfaithful? (Você já foi infiel?); Has your partner ever betrayed you? (Have you ever been cheated?) (Seu parceiro já te traiu?); What would you say to someone who is interested in your partner? (O que você diria para alguém interessado em seu parceiro); I've never.../ I've already... (Eu nunca.../Eu já...).</i></p> <p><i>Explicar aos alunos que eles irão realizar uma atividade sobre a canção "Jolene" da intérprete Beyoncé, canção esta que apresenta a temática com a qual a aula foi iniciada.</i></p>		<ul style="list-style-type: none"> - Expressar suas opiniões sobre o assunto infidelidade e suas possíveis consequências. 	
<p>Atividade 1</p>	<p><i>Atividade de compreensão oral: os alunos devem colocar a canção em inglês na ordem correta a medida em que vão escutando a canção. Depois, eles conferem com a tradução da canção se a ordem está correta. Colocar a canção para os alunos conferirem suas respostas. Primeiro, tocar toda a canção. Depois, tocar cada estrofe e conferir as respostas a cada estrofe.</i></p>	<p><i>Group or pair work (controlled practice)</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ativar o conhecimento prévio das palavras cognatas e/ou vocabulário conhecido para ordenar a canção; - Perceber o que está sendo expresso pela intérprete na letra da canção. 	<p>20 min</p>
<p>Atividade 2</p>	<p><i>Pedir que os alunos comentem quais termos a intérprete da canção utilizou para demonstrar sua opinião (e prováveis ações) sobre infidelidade. Nesta parte é esperado que os alunos identifiquem as frases "I'm warnin' you, don't come for my man"(Estou te avisando, não vem atrás do meu homem.), "Your peace depends on how you move" (Sua paz depende do seu modo de agir.) e "cause you can't dig up our planted seeds" (você não</i></p>	<p><i>Group or pair work (controlled practice)</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer vocabulário novo em inglês; - Relacionar o vocabulário com o tema do início da aula: infidelidade; - Expressar sua opinião sobre a forma como a intérprete trata o tema e comparar com suas respostas no início da aula; - Identificar a forma como a 	<p>15 minutos</p>

	<p>pode desenterrar aquelas sementes que plantamos). Os alunos compararam suas respostas da primeira parte da aula com o que a intérprete colocou em sua canção. Depois, pedir que os alunos destaquem termos que evidenciam a origem racial da intérprete da canção. Nesta parte é esperado que os alunos identifiquem a frase "I'm still a Creole banjee bitch from Louisianne." (Eu ainda sou uma vadia crioula banjee da Luisiana.)</p>		<p>intérprete expressa sua origem.</p>	
--	---	--	--	--

AULA 2

<u>ETAPA</u>	<u>PROCEDIMENTO</u>	<u>PADRÃO DE INTERAÇÃO</u>	<u>OBJETIVOS</u>	<u>TEMPO</u>
Introdução	<p>A professora retoma o que foi trabalhado na última aula: retoma a canção trabalhada, o vocabulário que evidenciava as questões de gênero e raça e a discussão sobre infidelidade. Explicar aos alunos que eles irão escutar e realizar atividades com a versão original da canção de Dolly Parton em 1973.</p>	Professor-aluno	<p>- Retomar o que foi trabalhado na última aula.</p>	5 minutos
Atividade 1	<p>Entregar aos alunos uma folha com a versão de 1973 da canção. Pedir que os alunos completem a versão em inglês da canção com as palavras que estão faltando à medida em que vão escutando a canção. Apresentar a tradução da canção para que os alunos confirmem suas respostas.</p>	Professor-aluno	<p>- Ativar o conhecimento prévio referente ao vocabulário da atividade em inglês.</p>	15 minutos

	<i>Tocar a canção novamente para que os alunos somente escutem a canção e acompanhem sua letra em inglês (agora de forma corrigida).</i>			
Atividade 2	<i>Pedir que os alunos comparem a forma como as duas cantoras abordam o tema infidelidade. Nesta parte é esperado que os alunos identifiquem que nesta versão, Dolly Parton é mais sutil e exalta a beleza da outra mulher: “Your beauty is beyond compare” (Tua beleza é incomparável), “With flaming locks of auburn hair” (Com mechas iluminadas de cabelo castanho avermelhado) e “Ivory skin and eyes of emerald green” (Pele de mármore e olhos verdes como esmeraldas). Além disso, Dolly Parton ainda expressa que ela não pode fazer nada além de chorar: “I cannot compete with you” (Eu não consigo competir com você) e “There’s nothing I can do to keep, From crying when he calls your name” (Não há nada que eu possa fazer para evitar, De chorar quando ele chama teu nome). Em relação à Beyoncé, ela é mais incisiva e fala sobre tudo que os dois construíram juntos: “I raised that man, I raised his kids, I know my man better than he knows himself” (Eu ergui esse homem, eu criei os filhos dele, Eu conheço mais meu homem do que ele mesmo.), “You a bird, go on and sing your tune” (Você é</i>	Professor-aluno	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Identificar como a intérprete desta versão da canção aborda o tema infidelidade e suas possíveis ações;</i> - <i>Relacionar a forma como as duas intérpretes tratam o tema infidelidade e suas possíveis ações;</i> - <i>Analisar a linguagem utilizada nas duas versões da canção.</i> 	30 minutos

	<p><i>uma atirada, vá em frente e cante sua música.) e principalmente como Dolly Parton somente pede (“I’m begging you” - Eu te imploro) e Beyoncé exige (“I’m warnin’ you” - Estou te avisando). Discutir com os alunos as diferenças encontradas perguntando se eles perceberam a diferença no tom utilizado pelas duas cantoras.</i></p>			
--	---	--	--	--

AULA 3

<u>ETAPA</u>	<u>PROCEDIMENTO</u>	<u>PADRÃO DE INTERAÇÃO</u>	<u>OBJETIVOS</u>	<u>TEMPO</u>
Introdução	<p><i>A professora apresenta o trabalho da artista Sophie Calle através de vídeos do YouTube. Nestes vídeos é apresentada a exposição “Cuide de você” onde a artista convida 100 mulheres de diferentes profissões a interpretar a frase “Cuide de você” que foi escrita ao final de um email de rompimento pelo ex-namorado da artista. Cada mulher fez sua interpretação segundo a ótica de sua atividade profissional. Discutir com os alunos o objetivo da artista: neste momento é esperado que os alunos identifiquem a forma criativa como ela interpretou a mensagem de seu ex-namorado e como, dependendo da atividade profissional, cada mulher interpretou esta mensagem. Relacionar este trabalho com a “reinterpretação” da canção feita por Beyoncé: como cada indivíduo</i></p>	Professor-aluno	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o trabalho da artista Sophie Calle; - Analisar o objetivo da artista ao realizar a intervenção artística; - Relacionar o trabalho realizado pela artista com a versão de Jolene de Beyoncé. 	20 minutos

	<i>interpreta de forma diferente, de acordo com sua origem e experiências de vida, diferentes acontecimentos.</i>			
Atividade	<i>Pedir aos alunos que, de acordo com suas personalidades e visões de mundo, façam uma releitura da canção Jolene: instigar que utilizem diferentes intervenções artísticas (poemas, pinturas, colagens, fotografia, etc) para expressar o que está presente na canção. Dividir os alunos em duplas ou trios de acordo com suas afinidades para que planejem o que pretendem fazer. Circular pela sala conversando e auxiliando as duplas e trios em suas propostas de releitura.</i>	Professor-aluno Aluno-aluno	<ul style="list-style-type: none"> - Estimular a criatividade dos alunos; - Fomentar a busca por uma saída artística para questões emocionais; - Explorar a produção de sentido em diferentes contextos 	30 minutos

AULA 4

<u>ETAPA</u>	<u>PROCEDIMENTO</u>	<u>PADRÃO DE INTERAÇÃO</u>	<u>OBJETIVOS</u>	<u>TEMPO</u>
Introdução	<i>Retomar com os alunos o assunto abordado na canção Jolene nas duas versões apresentadas e a forma como foi realizada a releitura na segunda versão. Retomar com os alunos o trabalho de Sophie Calle e como ela partiu de um fato absurdo e inusitado e como ela o reinventou e montou uma exposição.</i>	Professor-aluno	<ul style="list-style-type: none"> - Retomar o que foi trabalhado nas últimas aulas. 	5 minutos
Atividade 1	<i>Os alunos apresentam suas releituras. Cada dupla ou trio</i>	Professor-aluno		35 minutos

	<p>de alunos mostra uma apresentação de slides ou uma imagem no projetor ou mesmo a própria obra de releitura. A professora questiona cada grupo sobre o porquê de ter escolhido esta forma de releitura e se isto expressa sua opinião inicial sobre o tema infidelidade.</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Estimular a criatividade dos alunos; - Estimular a busca por uma saída artística para questões emocionais. 	
Feedback	<p>A professora realiza um feedback do trabalho com os alunos: o que eles acharam da temática, o que eles acharam do trabalho realizado, quais seus sentimentos em relação ao tema agora que “colocaram pra fora” suas ideias e seus pontos de vista sobre o assunto.</p>	Professor-aluno	<ul style="list-style-type: none"> - Discutir os pontos positivos e negativos do trabalho; - Participar criticamente das propostas de trabalho. 	10 minutos